

CONSIDERAÇÕES SOBRE FILOSOFIA DA LINGUAGEM E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: jogos de linguagem e ação comunicativa no contexto das ações de informação em tecnologias virtuais

Luciana de Souza Gracioso

RESUMO

As pesquisas informacionais, nos atuais cenários sociotécnicos e multiculturais, configurados mais recentemente a partir de plataformas interativas virtuais, ficaram sujeitas às condições cada vez mais próximas do uso cotidiano da linguagem. Assim, propomos a ampliação da matriz gnosiológica da ciência da informação em direção a uma perspectiva pragmática da filosofia da linguagem que trata do entendimento da significação da linguagem a partir de seu uso social. Nesse cenário, repensamos concomitantemente, a busca informacional desvinculada exclusivamente dos ambientes sistêmicos e o reposicionamento do sujeito nas ações de informação. Encontramos na filosofia dos jogos de linguagem de Wittgenstein a libertação das amarras estruturalistas e cognitivistas da linguagem, e conseqüentemente, a expansão sobre as possibilidades e imprevisibilidades de sua significação. Em Habermas, apoiamo-nos em sua Teoria da ação comunicativa, mais especificamente no que diz respeito ao compromisso ilocucionário assumido pelos participantes da comunicação e ao cumprimento das pretensões de validade comunicativa como ações mínimas para o entendimento entre os interlocutores, a fim de pensarmos as garantias da significação. A partir de análises e conjecturas sobre os processos de construção de sentido da linguagem e da comunicação sugeridos por estes dois filósofos e que apresentamos sumariamente neste artigo, reconhecemos que a interatividade, os processos de colaboração e de cooperação que se estabelecem entre os intersujeitos atuantes na *Web*, por meio do uso cotidiano da linguagem, seriam propriamente as condições de validação das ações informacionais virtuais.

Palavras-chave: Ciência da Informação. Filosofia da Linguagem. Pragmática. Wittgenstein. Habermas.

1 INTRODUÇÃO E JUSTIFICABILIDADE

As discussões que apresentaremos a seguir resultam de nossas especulações teóricas sobre a Pragmática de Wittgenstein¹ e Habermas² à luz da Ciência da informação. Desenvolvemos a tese³ “Filosofia da linguagem e Ciência da informação: jogos de linguagem e ação comunicativa no contexto das ações de informação em tecnologias virtuais”, não para sanar dúvidas e sugerir métodos, mas para reconsiderar

¹ L. Wittgenstein (1889-1951), filósofo austríaco.

² J. Habermas (1929-), filósofo alemão.

³ Filosofia da linguagem e Ciência da informação: jogos de linguagem e ação comunicativa no contexto das ações de informação em tecnologias virtuais. Rio de Janeiro, 2008. 176 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – PPGCI - Universidade Federal Fluminense / IBICT.

teorias e reconfigurar algumas ações. Desenvolvido sob uma perspectiva teórica, este trabalho teve uma simples intenção: a de permitir a Ciência da informação algumas *desterritorializações*. Nosso exercício foi o de reconhecer pontos de partida, outros, que possibilitassem certa expansão das condições de ação e interação da área nos espaços comunicativos *virtuais* da informação. Ao passo em que reconhecemos alguns aportes teóricos que ampliam (e para tanto, às vezes, desestruturam), alguns pressupostos sistêmicos da área - e isso se dá quando recorremos à Filosofia da linguagem em uso de Wittgenstein (*Investigações filosóficas*, 1953) - retornamos aos planos de ação comunicativa de Habermas (*Teoria da ação comunicativa*, 1981), para indicar traços que possam suscitar métodos de validação informacional no ambiente Web.

Para agregarmos perspectivas sustentáveis em nossas discussões, tomamos o posicionamento da área como uma Ciência Social da informação e argumentamos as prerrogativas e entraves sobre a concepção de linguagem nos sistemas de informação. No plano virtual, consideramos o reposicionamento do sujeito e do uso que se faz da linguagem nesse espaço. Por conta disto e não só por isso situamos nosso entendimento da linguagem como ação, a ação como informação e a informação como linguagem. E no bojo das ações informacionais traçamos um panorama referencial das análises vigentes sobre as ações de busca da informação enquanto *information seeking*. Analisamos também as garantias e critérios de validação para organização e recuperação da informação que, apoiadas ao invariável, sugerem alguns modelos fixos para organização e busca da informação. No entanto consideramos a variação enquanto garantia de validação informacional. Por isso é que necessariamente tivemos que avançar em territórios aparentemente movediços. E dizemos isso não pela inconsistência dos caminhos que seguimos, mas pelo fato deles nos oferecerem flexibilidade e autonomia sobre os passos que precisamos dar. Assim, estudamos os momentos e os movimentos da filosofia da linguagem reconhecendo-a como uma categoria aberta. Situamos-nos a partir de um movimento filosófico, reconhecido como virada lingüística da filosofia e analisamos as interferências do pensamento analítico, positivista e lógico nos estudos da Ciência da informação. Em seguida, avançamos para o movimento subsequente: a virada pragmática da filosofia, em que iniciamos nossas discussões rumo ao Pragmatismo, analisando estudos pragmáticos e a delimitação de critérios para a análise da linguagem, até chegarmos à concepção de linguagem em uso de L. Wittgenstein. Sobre a filosofia da linguagem do autor, *investigamos* inicialmente seu trajeto filosófico, seus sinais metodológicos e posteriormente a pluralidade e

diferença dos *jogos de linguagem* que conduzem suas articulações sobre as possibilidades de significação da linguagem. Por isso analisamos mais pontualmente, pela perspectiva da significação, os conceitos mais fundamentais articulados pelo autor e que compõem o tabuleiro dos *jogos*, sendo eles: regra, gramática, semelhança de família e forma de vida. E, atribuindo solidez ao universo dos *jogos*, estariam, a priori, as ações antropológicas. Recuperamos então, no âmbito da Ciência da informação, as ações sistêmicas de informação que se aproximariam deste universo Wittgensteiniano da significação e propomos outra aproximação aos espaços virtuais da informação. Eis chegado então o momento do salto alcançando validações comunicativas. E assim é que nos direcionamos ao *mundo* de Habermas, em que o uso da linguagem e as pretensões de validade na comunicação são consideradas ações sociais, e que portanto, são respeitadas em sua condição de dinamismo, significação e flexibilização de verdades. Retomamos estudos aos quais Habermas foi aproximado à Ciência da informação a partir do *mundo dos sistemas*, seguimos, e aproximamos o *mundo da vida* de Habermas ao mundo virtual.

O plano contextual e conceitual sobre o qual transitamos pode ser melhor representado a partir da figura a seguir. Nela, em uma perspectiva interna, estaria o plano mais sistêmico dos processos de busca e recuperação da informação e em uma configuração mais ampliada, estariam os conceitos e as teorias que, articuladas às já existentes, precisariam ser consideradas no universo virtual de construção e uso da informação. Destaque para a nossa busca por garantias que validam as ações informacionais na rede e para a linguagem cotidiana, como ponto de entrada a teorias pragmáticas e enquanto ferramenta para as ações na Web.

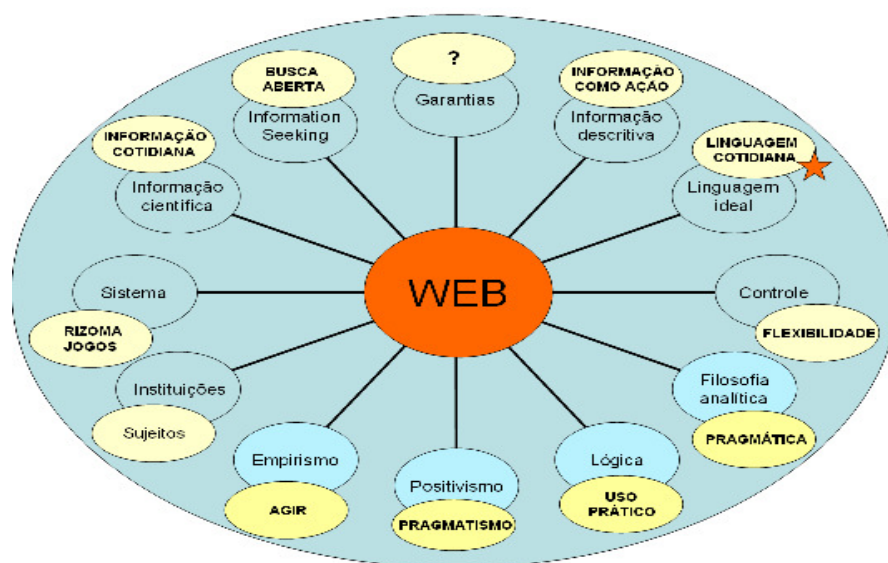


Figura 1: Proposta de ampliação da matriz gnosiológica da Ciência da informação.

Como nossa proposição principal, consideramos que, a partir da compreensão das condições mínimas de uso cotidiano da linguagem na Internet (enquanto rede de informações nômades, sem configurações enraizadas ou arbóreas), podemos diagnosticar condições atuais das ações de informação, tais como os critérios de sua validação, que acontecem necessariamente em arranjos comunicacionais e interativos. Neste trabalho, perguntamo-nos sobre condições que permitam transformar valores informacionais em proposicionais aptos para processos argumentativos em espaços de atividades científicas, políticas ou cotidianas. Não objetivamos, assim, identificar técnicas ou instrumentos para demonstrar, de modo totalizante, como se constituem os sentidos e a dimensão semântica das informações em suas relações virtuais. Nosso principal intuito, enfatizamos, foi o de mostrar que as condições de uso cotidiano da linguagem definem as formas de sua respectiva validação e que esse uso é refletido nas ações de produção e busca da informação sendo que essas condições são os principais critérios atingidos para se configurar as ações de informação na Internet. O que enxergamos, pelo prisma da Pragmática, é como se acessam os conhecimentos produzidos, disponibilizados e buscados em espaços em que a materialidade das ações de informação ainda está por se definir. Não seria a Pragmática a mudar nossas ações informacionais perante todas as relações estabelecidas nas redes, mas essas conexões virtuais a suscitar outras práticas informacionais.

Assim, seguimos nesse texto, apresentando de modo sucinto as principais interferências que sofremos a partir dos argumentos Wittengensteinianos, que nos

desenfeiteçaram das amarras sobre o uso da linguagem, e das conjecturas emancipatórias de Habermas, que nos possibilitaram justificar ações informacionais na Web. A Wittgenstein agradecemos por expandir nossa consciência sobre a significação, a Habermas, por nos apresentar, dentre as infinitas situações de significação, os elementos que validam as ações comunicativas.

2 WITTGENSTEIN: a significação e jogos de linguagem na Ciência da informação

L. Wittgenstein é o filósofo que, em particular, a partir de sua obra *Investigações filosóficas*, ofereceu-nos recursos teóricos que nos explicaram as situações cotidianas simples do processo significativo. Não buscamos em Wittgenstein um mapa pontuando processos da significação e sim, reconhecer seus labirintos. Podemos dizer que foi Wittgenstein quem alargou nossa percepção e compreensão sobre as sutilezas do sentido da linguagem relacionadas ao seu uso e foi ele quem nos explicou e exemplificou esse movimento, particularmente, a partir do conceito de jogos de linguagem. Mesmo sem definir ostensivamente esse conceito, ele representaria, para nós, a engrenagem das ações informacionais da Internet, principalmente no que se refere à condição situacional e imprevisível sobre as significações. Todas as articulações, as formas de associações e as condições de aproximações entre sujeitos e discursos proferidas virtualmente se relacionam, segundo nossas análises, às condições demandadas pelos jogos de linguagem de Wittgenstein e que dizem respeito às semelhanças de família, regras, gramática e forma de vida⁴.

O ponto de partida das *Investigações*, em que Wittgenstein investe grande parte de suas explicações e de seus exemplos, diz respeito ao processo de significação da linguagem. O filósofo nos mostra como a consideração mentalista, ontológica, representativa da linguagem pode ser reducionista com relação às condições de

⁴ A partir da análise de diferentes obras de Wittgenstein sintetizamos alguns de seus conceitos e diríamos que: A *semelhança de família* entre conceitos e usos da linguagem sugere a não existência de uma fundamentação única que possa alinhar as possibilidades de entendimentos dos conceitos - esse entrelaçamento de possibilidades de significação se daria de modo dinâmico e interativo, pois haveria apenas parentescos de usos entre conceitos que lhe permitiriam transitar de uma situação comunicativa a outra. A *regra*, não se relaciona às regras gramaticais estruturais da língua, mas às que envolvem e permitem o comportamento e as ações sociais construídas coletivamente na vivência dos sujeitos. A *gramática* seria o conjunto das regras (dinâmicas e em movimento), que servem para indicar o que está acordado como certo e errado no uso da linguagem e que, por sua vez, estão arraigadas nas práticas sociais. A *forma de vida* que, mesmo sendo pouco abordada por Wittgenstein, representaria o conjunto de hábitos, comportamentos e ações compartilhadas situacionalmente por meio do uso da linguagem. E os *Jogos de linguagens* são combinações de palavras, atos, atitudes e formas de comportamento que compõem o momento da significação. O Jogo compreende o processo de uso da linguagem em sua totalidade.

significação da linguagem em uso. Todavia, ele não anulará tais considerações anteriores, e sim irá defender uma complementaridade. De modo geral, Wittgenstein não nos proporá uma teoria da linguagem, mas um diferente entendimento sobre ela, de modo que, a partir desse, possamos repensar as teorias vigentes, e futuras, sobre os processos de significação.

Wittgenstein se pergunta “para que uma teoria do significado?”, e não “o que é uma teoria do significado?”. Para ele, o elo de significação da linguagem não seria a abstração, mas as ações, sendo que essas, proferidas pela linguagem, geram e se equivalem a ações no mundo. Para o autor, “as convenções lingüísticas estão ligadas às ações humanas que repousam sobre comportamentos comuns ou Formas de vida” (IF⁵, af. 23). O filósofo ainda diz, no aforismo 242: “Para uma comunicação por meio da linguagem é preciso não apenas um acordo nas definições (por estranho que pareça), mas também um acordo entre juízos”. Por isso, haveria uma igualdade valorativa sobre todas as formas de discurso. Todos os significados seriam acordos estabelecidos sobre o uso da linguagem em dada situação. Contudo, isto não implica em nenhuma forma de reducionismo, pelo contrário, sugere a permanência da multiplicidade das formas de linguagem (PEARS, 1973; SPANIOL, 1989). Isso não significa que Wittgenstein defende um relativismo na linguagem, como sugerem Apel e Rorty⁶, pois a racionalidade contingente ao processo seria constituída por meio da possibilidade de interação da gramática com os jogos de linguagem (CONDÉ, 2004). Esse anti-relativismo pode ser conferido no parágrafo 6 da parte II das *Investigações*: “Cada palavra – assim gostaríamos de dizer – pode ter caráter diferente em contextos diferentes, mas tem sempre um caráter – um rosto. Ela nos contempla. Mas o rosto de uma pintura também nos contempla”. Isso deixa claro que Wittgenstein, em nenhum momento, prega uma aleatoriedade na construção dos sentidos da linguagem. A significação tem sempre um ponto de partida em uma forma de vida. A questão é que este

⁵ Utilizaremos a sigla IF – para referenciar a obra *Investigações Filosóficas* (1953), e af. para indicar os aforismos que compõem muitos dos textos de Wittgenstein, visto ser este o modelo seguido para citação de suas obras.

⁶ Condé (2004) sintetiza o posicionamento desses dois filósofos sobre Wittgenstein, e concordamos com seus apontamentos quando diz que “Rorty interpreta Wittgenstein como um filósofo edificante. [...] a gramática, como parte constitutiva do modelo de racionalidade, pode ser entendida como um tipo peculiar de sistema, que complementa e é complementado pelas interações dos jogos de linguagem. A gramática é um sistema holista, mas não totalizante, sem fundamentos últimos, não hierárquico, etc. Contudo, é um sistema aberto a outros, possibilitando, assim, lidar de forma eficaz com a diversidade das formas de vida (CONDÉ, 2004, p. 222). Sobre Apel, Condé dirá que o filósofo “[...] ‘acusa’ Wittgenstein de ter esquecido o *logos* filosófico, a validade universal ou a própria razão, colocando em seu lugar os jogos de linguagem contingentes e, conseqüentemente, com isso caindo no relativismo” (CONDÉ, 2004 p. 222). Entretanto, Condé afirmará que para Wittgenstein a razão não está assentada no transcendental, sendo isso apenas uma ilusão gramatical. Nós não teríamos acesso à dimensão panorâmica de nossa linguagem.

ponto não é fixo. Somente se conheceria um objeto simbólico por meio de suas convenções. A propósito disto, Wittgenstein analisa a impossibilidade de chegarmos a um fundamento que explique a linguagem como um todo. Para ele, o que interessa para a significação não é o tipo de signo, mas o seu uso e as noções que compõem o contexto de uso.

Para responder a questão “O que é X?”, perguntaríamos “Qual o significado de X?” e, ao invés de apontar para X e vinculá-lo a algum objeto ou simplesmente descrevê-lo, deveríamos explicá-lo. “O significado de uma palavra é o que a explicação de seu significado explica [...] A explicação do significado explica o uso da palavra” (WITTGENSTEIN, 2003, I af. 23). Segundo as *Investigações*, “a significação da palavra é o que explica a explicação da significação. Isto é, se você quer compreender o uso da palavra ‘significação’, então verifique o que se chama de ‘explicação da significação’” (IF, af. 560). Essa é uma das grandes mudanças metodológicas indicadas por Wittgenstein. Entendemos que o não lingüístico é a ação, é a prática do uso do conceito apresentada na sua explicação em si.

Quando buscamos a explicação do significado, ela será dada dentro da linguagem. Assim, a expressão sobre a qual se tem dúvidas é transposta para outros termos familiares, isto é, para termos cujo uso está claramente prescrito. Assim, passamos da linguagem em que encontramos ‘x’ para a linguagem da explicação de ‘x’. No caso da explicação, a linguagem fornece a clareza que essa reivindica e que advém justamente do fato de que a linguagem, agora, a linguagem da explicação, está vinculada à prática do uso do conceito (ALVARENGA, 2003). Ao entrarmos no jogo, em uma situação interativa de uso da linguagem, devemos estar aptos às mais variadas possibilidades de construção de sentidos.

É a explicação do uso da palavra que oferecerá os elementos que permitirão a sua significação, cuja certeza se dará pelo fato de que podemos explicar o uso de uma palavra somente se a relacionarmos as situações práticas. A explicação do uso prático e social da palavra gera o seu significado. “Toda significação é construída pela e na pragmática da linguagem, que, no entanto, é peculiar à forma de vida que a pratica” (CONDÉ, 2004, p. 27). Assim, a situação é que constituiria o “sistema de referência” para o uso da palavra, logo, para sua significação. “[...] o uso determina as significações dentro dos jogos de linguagem na medida em que esses diversos usos envolvem práticas sociais” (CONDÉ, 2004, p. 64). Uma expressão não deixa de ter significado por não se

referir a um objeto, assim como é um erro categorial tratar o objeto a que uma palavra se refere como significado dessa.

Para Spaniol (1989, p. 144), assim como para nós, é a “inclusão da dimensão prática, juntamente com o fato de o limite do sentido ser estabelecido não por estruturas supratemporais, mas por ‘meras convenções’” que justifica a autenticidade da mudança de consideração proposta por Wittgenstein; “se significado e entendimento são uma práxis, nenhum modelo ‘estático’ poderá dar conta exatamente de tudo o que é necessário e suficiente para o significado e entendimento” (ALVARENGA, 2003, p. 47). Nessa perspectiva, Spaniol (1989) compreende que a clareza da Filosofia proposta por Wittgenstein provém da compreensão de algo que já vemos, nas regras do emprego de nossas palavras, estabelecidas em nossos diferentes modos de vida, em nossas diferentes necessidades de uso da linguagem, pois aí estaria a origem dos nossos problemas.

Por meio de jogos de linguagem, os indivíduos aprendem a usar certas palavras e expressões. Na realidade, o que o indivíduo aprende não é pura e simplesmente uma palavra ou expressão, mas um jogo de linguagem completo, isto é, como usar determinada expressão lingüística em um contexto determinado para obter certos fins. Por isso, seríamos capazes de criar usos novos em novas situações de interação. Wittgenstein, nos primeiros parágrafos das *Investigações filosóficas*, “define” um jogo de linguagem (*SPRACHSPIEL*) como uma combinação de palavras, atos, atitudes e formas de comportamento, isto é, compreendendo o processo de uso da linguagem em sua totalidade. Isso pode ser sintetizado em seu aforismo 07: “Chamarei também de jogos de linguagem o conjunto da linguagem e das atividades com as quais está interligada”. Diante disto, uma das características que Wittgenstein dá aos jogos de linguagem reais é enfatizar a natureza heterogênea das linguagens. No jogo de linguagem, o significado é o modo de uso da palavra (relacionada à ação humana que se socializou e se consolidou como uma forma de vida); esse jogo que estabeleceria o modo específico da aplicação de uma expressão ao contexto em que ela ocorre (BLOOR, 1983).

3 ESPECULAÇÕES WITTGENSTEINIANAS À CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

No mundo das práticas, não haveria universais para Wittgenstein, logo, no mundo da linguagem (que rege as práticas), também não. A desvinculação entre a significação da linguagem e as relações exclusivamente mentalistas, cognitivas, representacionais e descritivas, levantada por Wittgenstein nas *Investigações*, esbarraria

em muitas das metodologias de organização e de representação do conhecimento⁷, desenvolvidas e aplicadas pela ciência da informação. Atribuir o significado lingüístico ao seu uso em situações práticas da vida equivale a dizer que não seria possível fixarmos significados, *a priori*, pois, para isso, teríamos de fixar as ações da vida. A ciência da informação, diante disto, teria de lidar com uma concepção de significação aberta que permitisse sua constante reconstrução. Isso, principalmente, se pensarmos as implicações informacionais multiangulares na *Web*. O que Wittgenstein irá nos propor é que entendamos a significação no âmbito da interação. Nesse quadro, sustentamos a importância de a ciência da informação voltar seu olhar para as teorias, os métodos e os conceitos que tenham maior potência e abrangência epistêmica, pois somente de posse desse entendimento ela poderia transitar nos contextos de interação em que acontecem o uso da linguagem e, conseqüentemente a construção dos significados. Se tal área considera apenas premissas positivistas sobre a significação descritiva de um conceito em um ambiente informacional, ela pressupõe um conhecimento preliminar por parte do buscador da informação sobre o conteúdo buscado. Todavia, na rede, por exemplo, essa pressuposição sobre o conhecimento prévio de quem busca informação seria impraticável de se verificar.

Mais especificamente, arriscamos que, nos planos informacionais não sistematizados e institucionalizados em modelos clássicos (e que podem se configurar em espaços virtuais), as práticas de representação da informação poderiam incorporar, em seus instrumentos de intermediação informacional, conceitos simples de uso cotidiano (em vez de primar pelo conceito especializado e comumente considerado como o mais preciso). Ainda se agregaria a ele a explicação de alguns de seus usos em situações da vida. Assim, estaríamos potencializando a representação, vinculando a ela alguns contextos de ação relacionados ao conceito. A partir disso, seria possível, talvez, não só delimitar os significados possíveis de conceitos representados, mas também compreender como o seu significado poderá ser restabelecido em diferentes situações de uso prático. Na linguagem da explicação do uso do conceito, seriam fornecidos mais conceitos e expressões familiares sob os quais também estariam prescritos seus usos práticos. A linguagem da explicação está atrelada à prática e isso vincula a certeza sobre o significado

⁷ D. Blair (2003, 2006), B. Frohmann (1990), Nedobity (1989), Hjørland (1998) e Novelino (1998) são alguns dos autores da ciência da informação que estabeleceram aproximações teórica e conceitual Wittgensteiniana à área, mas relacionando as discussões do filósofo aos sistemas de informação.

situacional do conceito explicado. Talvez a análise de Alvarenga possa elucidar um pouco mais o que tentamos dizer:

[...] o que está factualmente implícito no uso da linguagem e que a análise deve explicar não é algo teoricamente implícito, isto é, algo que mesmo o analista da linguagem termine por achar misterioso, difícil de elucidar. Neste sentido, nada estaria implícito. O que está factualmente implícito na fala poderá ser explicitado da maneira mais clara possível não enquanto uma ‘estrutura profunda, que confundiria mais que esclareceria, mas como algo cuja enunciação poderia ser plenamente reconhecida, isto é, entendida por aqueles que usam a linguagem. A idéia seria explicitar os conteúdos implícitos no uso de uma linguagem para aqueles que precisam da explicação, não uma explicação teórica levada a cabo por si mesma. A análise seria, portanto, pragmática não apenas devido àquilo que há de ser analisado (a saber, os usos concretos da linguagem), mas pragmática no sentido de ser uma elucidação pragmaticamente relevante (em contraste com uma elucidação apenas ‘teoricamente relevante’). Ela deveria ter repercussão direta para os próprios interessados na elucidação, a saber, os próprios usuários da linguagem (ALVARENGA, 2003, p. 160).

Para Wittgenstein, a aproximação do modelo de cálculo à linguagem é empobrecedora. A elaboração de listas exaustivas de características descritivas e de equivalências para conceitos gerais pode propiciar a geração de produtos de representação incompletos ao mesmo tempo em que ofuscaria algumas possibilidades de entendimento estrito do conceito geral. A nossa competência para construirmos significados de acordo com as situações em que o uso do conceito é demandado viria de uma competência de interação que nos consente a compreensão e o compartilhamento de regras (enquanto modos de comportamento e ação wittgensteiniana), a partir do uso da linguagem, em uma forma de vida. As competências que desenvolvemos quando simplesmente aprendemos a viver e a nos relacionar (de modo não linear, imprevisível e dinâmico) são também as competências que temos para significar.

No campo das interações tecnológicas virtuais, cogitamos que, o que mais Wittgenstein nos esclarece diz respeito à natureza significativa da linguagem, que se institui em seu uso cotidiano, ao passo que esse uso cotidiano tem sido cada vez mais presente nas buscas e na configuração dos conteúdos disponíveis na rede a partir das relações dialogais argumentativas dentro de jogos de linguagem. À luz das *Investigações*, podemos ter uma dimensão da imprevisibilidade sobre o estabelecimento dos sentidos no ciberespaço.

No que diz respeito aos estudos de *Information seeking*, pensamos que a proposta de Wittgenstein seria a de atentarmos para o “comportamento lingüístico” dos

buscadores da informação (usuários da linguagem). Isso poderia ser feito a partir da análise da explicação do uso de expressões linguísticas dentro de um jogo de linguagem (o jogo da busca), pois nessa explicação apareceriam as regras (de ações da vida) que regulam o uso das expressões. Regras essas que, simultaneamente, regulam os comportamentos e ações sociais, ao passo em que são apreendidas somente durante a explicação sobre os usos da linguagem. Por isso, não haveria como estabelecer ou antever comportamentos de busca da informação. Nesse processo, não haveria como se instituir verdades, apenas construir certezas (situacionais).

A própria dúvida, inerente ao processo de busca informacional, já pressupõe um conjunto de certezas (práticas). As certezas estariam relacionadas à apreensão de regras (wittgensteinianas). Por conta disso, não seria só por meio da flexibilidade que sanaríamos nossas dúvidas de ações informacionais. Somente alcançaríamos esse estado na medida em que algumas soluções práticas relacionadas à nossas dúvidas já fossem encontradas. Se tivéssemos condições para analisarmos a explicação de algumas dessas soluções práticas já encontradas, poderíamos identificar acordos no uso da linguagem ou em formas de vida – teríamos condições para significar tanto a fim de definir conceitos como de julgar e estabelecer certezas.

Diríamos que o panorama reflexivo traçado por Wittgenstein sobre a significação da linguagem vinculado ao seu uso não nos dá um modelo teórico metodológico para aplicamos às práticas da ciência da informação, mas nos fornece conteúdos epistêmicos que estendem nosso juízo sobre as implicações da significação, sendo que esta é uma questão central nos esquadrinhamentos desenvolvidos por esta ciência. Esperamos poder ter aberto, a partir das *Investigações* de Wittgenstein, algumas perspectivas não tradicionais acerca da significação com consequências importantes para os processos de representação, de recuperação e de busca da informação. E somamos a isso uma aproximação às mediações tecnológicas virtualizadas que rearticularam algumas das condições de uso e de significação da linguagem (a partir das noções de uso da linguagem). Nossa proposta foi a de atentarmos para as atitudes performativas nos jogos de linguagem que se apresentam e se estabelecem nesse universo. Estes jogos espelham e, ao mesmo tempo, criam regras e formas de vida. Enquanto profissionais da informação, para tentarmos entender os sentidos desses jogos, teríamos de compartilhar suas regras. Isso significaria, participar do Jogo (por meio de atitudes performativas). Essa participação na jogada, ou ainda, nas ações interativas de comunicação, é também sugerida por Habermas como critério (ou

condição) de validação sobre o que está sendo informado. Daí, e não só por isso, suscitarmos a abordagem de Habermas como plausível e aplicável para essas conjecturas.

4 ELEMENTOS DA TEORIA DA AÇÃO COMUNICATIVA DE HABERMAS PARA A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO NO CONTEXTO TECNOLÓGICO VIRTUAL

A teoria pragmática do significado⁸, proposta por Habermas, é constituída pela teoria da competência comunicativa (que analisa as estruturas das regras envolvidas no uso da linguagem na busca do entendimento mútuo), pela teoria discursiva da verdade (trata do nexo entre verdade e consenso) e pela semântica formal (trata do nexo entre significado e validade), como sugere Alvarenga (2003). Assim, o resultado dessas articulações teóricas comporia a máxima da Teoria da Ação Comunicativa, a saber: “entendemos um ato de fala quando sabemos o que o torna aceitável” (HABERMAS, 1981). Mais precisamente, “entendemos um ato ilocucionário quando sabemos o que o torna aceitável e quais as conseqüências resultantes para a prática subsequente caso ele seja aceito” (HABERMAS, 1999, apud ALVARENGA, 2003, p. 138). O significado, então, sempre estará atrelado à validade. Atender as pretensões de validação, que existem e permitem toda a ação comunicativa, seria condição para a significação da comunicação. Vale mencionarmos que, para compor tudo isso, Habermas reconstrói as três principais teorias do significado: a hermenêutica, a analítica e a pragmática (sendo esta última a que procederia de Wittgenstein – pelo qual o significado da linguagem se constrói com o seu uso). Habermas considera, porém, que é necessário articular todas essas teorias para termos uma visão mais abrangente das diferentes facetas e dimensões da linguagem.

Reforçamos que Habermas procura, no interior da linguagem, o norte da razão comunicativa que defende existir. É no uso social que os sujeitos fazem da linguagem, como forma de comunicação, que se estabeleceriam os elementos para a construção de uma racionalidade comunicacional (HABERMAS, 2002). A racionalidade, para

⁸ Para Habermas, cabe-nos já distinguir que a significação está relacionada ao cumprimento de critérios de validação comunicativa: “Existe certamente uma diferença entre compreender o significado de uma expressão lingüística e entender-se com alguém sobre algo com o auxílio de uma expressão tida como válida. [...] Não é possível isolar, de um lado, a questão fundamental da teoria do significado, isto é, o que significa compreender o significado de uma expressão lingüística, e, de outro, a questão referente ao contexto em que esta expressão pode ser aceita como válida. Pois não saberíamos o que significa compreender o significado de uma expressão lingüística caso não soubéssemos como utilizá-la para nos entendermos com alguém sobre algo. [...] Na linguagem, as dimensões do significado e da validade estão ligadas internamente” (HABERMAS, 2002, p. 77).

Habermas, é uma forma de coordenação de ação coletiva mediada pela linguagem, por isso, ele relaciona a intersubjetividade às estruturas de comunicação e à integração social. Todavia, “acima” das ações racionais haveria, segundo Habermas, uma força emancipatória que conduziria o uso dessa razão e que se estabelece, se institui e se manifesta na intersubjetividade comunicativa entre sujeitos, em uma ação de comunicação. Esta ação, por sua vez, tem como objetivo um entendimento mútuo entre os atores da comunicação. A integração social, portanto, se dá mediada pela linguagem.

Essa seria a base do projeto da modernidade proposto por Habermas, que tem como fundamento a defesa da expansão do conceito de racionalidade, desvinculando-o unicamente do paradigma da consciência e posicionando-o no paradigma comunicativo. A oposição ao paradigma da consciência, à razão instrumentalista (Escola de Frankfurt) e de dominação e à racionalidade marxista social, somada à defesa de um paradigma comunicacional, lingüístico e emancipatório (promovidos por uma racionalidade comunicativa dos sujeitos), compõe a Teoria da ação comunicativa habermasiana. Segundo o autor, toda ação espontânea do uso social da linguagem considera a matriz dialógica da relação *alter-ego*. Em contextos de argumentação, não se impõem as relações lógicas formais entre proposições com a estrutura hipotética dedutiva dos discursos. Trata-se da relação entre atos de enunciação assumidos por atores que carregam compromissos frente a outros atores que compartilham no âmbito das ações e dispõem das garantias correspondentes a suas ofertas semânticas. Por isso, é necessário trazer a racionalidade do transcendental ao interior das práticas agenciadas à razão comunicativa.

A teoria de Habermas não deixa de ser crítica à sociedade. Ela se desloca do aporte da teoria do conhecimento para a da linguagem, passando, assim, de uma teoria cognitiva para uma da ação comunicativa e reconstruindo, desse modo, as pressuposições das condições universais do conhecimento e da ação. A Teoria da ação comunicativa seria uma teoria reconstitutiva que pretende identificar as **pressuposições** universais da comunicação cotidiana nas sociedades modernas (o que Habermas chamaria de pragmática universal, focada na análise do uso da linguagem, nos atos de fala) (COOKE, 1994). O proferimento lingüístico seria basicamente uma forma de agir que serviria para o estabelecimento de relações sociais.

Habermas enfatiza a importância da **subjetividade** humana, mas não sob a forma do modelo moderno, porque a análise tem de se manter na concepção moderna de um sujeito epistêmico universal. Este sujeito teria posse de uma racionalidade seletiva e de uma modelização etnocêntrica e, por isso, seria criticado. Entretanto, as diferentes

formas de subjetividade humana não poderiam ser deixadas de lado porque são elas que geram diferentes possibilidades de realização social e cultural. O filósofo leva em conta a subjetividade derivada das estruturas de **intersubjetividades** implicitamente pressupostas no desenvolvimento da interação. Isso seria diferente de outras metodologias sociais e filosóficas contemporâneas. A intersubjetividade se manifesta na interação (concreta), que é reconstruída por meio da linguagem. Os processos comunicativos ligam a razão à comunicação e à linguagem. Não há ação racional independente de uma ação de fala e de linguagem, pois ela é coletiva. A fala é que irá construir a intersubjetividade nos espaços da linguagem. Se não falamos o que pensamos, não haverá intersubjetividade constituída. A intersubjetividade não é presumida como sujeito moderno (já constituído), *a priori*, – ela é reconstruída em processos coletivos de ação e de comunicação, isto é, de interação. A **interação** poderia ser entendida, de modo amplo, como uma configuração do social em que as normas são constituídas a partir da convivência entre sujeitos capazes de comunicação e de ação. Como forma de estruturação da prática social, prevalece uma ação comunicativa, que seria uma interação simbolicamente mediada, que tem de ser entendida e reconhecida, pelo menos, por dois sujeitos agentes e se orienta segundo normas de vigência obrigatória que definem as expectativas recíprocas de comportamento (HABERMAS, 1981, v. 1).

A linguagem, no conceito de ação comunicativa de Habermas, pressupõe um meio em que há lugar para tipos de processos de entendimento no qual os participantes, ao relacionarem-se com o mundo, apresentam-se mutuamente com pretensões de validade que podem ser reconhecidas ou postas em questão. Essas relações entre tipos de processos de entendimento, atos de fala e pretensões de validade formam a estrutura operacional da Teoria da ação comunicativa. Por isso, os mundos categorizados por Habermas (1981) estão imbricados nas relações entre pretensões de validade e atos de fala, sendo que cada um deles está ligado a uma relação pragmática com os mundos que compõem o Mundo.

Habermas propõe que “não podemos mais considerar a questão da validez de uma proposição como se fora uma simples questão do nexos objetivo entre linguagem e mundo, completamente alheia ao processo de comunicação” (HABERMAS, 2002, p. 81). Para o autor, as expressões empregadas no modo comunicativo servem para exprimir intenções (vivências) do falante, para representar estados de coisas e para instituir relações com um destinatário.

Os atos de fala, para Habermas, teriam uma intenção de ação, e, por isso, a partir da ação de comunicação pode-se entender a ação social. O ato de fala está implicado na ação comunicativa. A dinâmica desses atos foi assim descrita por Habermas:

Com seus atos ilocucionários, falante e ouvinte erguem pretensões de validade e reivindicam seu reconhecimento. Mas esse reconhecimento não precisa seguir-se irracionalmente, uma vez que as pretensões de validade têm um caráter cognitivo e podem ser checadas. Gostaria, portanto, de defender a seguinte tese: em última instância, o falante pode influenciar ilocucionariamente o ouvinte e vice-versa porque os compromissos típicos dos atos de fala [não institucionalmente ligados] estão conectados com pretensões de validade cognitivamente testáveis – isto é, porque os vínculos recíprocos [entre falante e ouvinte] têm uma base racional. (HABERMAS, *Was heißt Universalpragmatik*, p. 63, apud ALVARENGA, 2003, p. 126).

Nas articulações entre os atos de fala, a existência do verbo performativo na comunicação seria a ponte para o falante poder “fazer” o que diz. Esse verbo se refere à ação lingüística realizada pelo falante e seria o núcleo racional da comunicação, logo, o elemento propulsor da interação. Se analisássemos os atos de fala a partir dos verbos performativos nela proferidos (uma vez que são eles que relacionam o que se diz com o que se faz), teríamos como analisar qualquer ação comunicativa sendo capaz de validá-la ou não. Isto, sempre considerando a existência contextual da sentença. Só de situarmos as sentenças em contextos comunicativos, já agregamos a ela um agir. Nos atos ilocucionários, a partir dos verbos performativos, torna-se possível fazer algo ao dizer-se algo. Contudo, o elemento maior que regeria a ação como um todo é a existência inicial de uma imposição pragmática, em que se assume o **compromisso de interlocução** (que ocorre graças à racionalidade comunicativa) pelos participantes e que se constitui mais precisamente em critérios de validação. Somente havendo isso, usa-se a linguagem.

São os intersujeitos que assumem o compromisso ilocucionário inicial que desencadeia em uma ação comunicativa. E, a partir desse compromisso mínimo, regido pela racionalidade comunicativa, em prol de sua natureza emancipatória, que fará com que o sujeito queira se entender com o outro, obtendo acordos como resultado, ou não. É esse compromisso que os conduz ao cumprimento das pretensões de validação comunicativa de inteligibilidade, justificabilidade, verdade e veracidade, sendo esse cumprimento necessário para que se tenha início a ação comunicativa.

5 CONSIDERAÇÕES SOBRE UMA *GARANTIA COMUNICATIVA* NAS AÇÕES DE INFORMAÇÃO EM ESPAÇOS VIRTUAIS

A interatividade comunicativa humana pode ser tida como a principal “ferramenta” de busca e construção de conhecimento na rede, por isso é válido que reconheçamos algumas das condições de significação que possibilitam essa ação pragmática de significação da informação. Habermas, nesse sentido, propiciou-nos alguns pontos de apoio para pensarmos os primeiros passos para uma significação passível de validação. A partir disso, acreditamos que muitas das análises e das práticas relacionadas ao trato da informação no plano multicultural cibernético possam ser pensados de modo amplo e dinâmico, mas, conscientes de que há, por trás do movimento da significação, *garantias comunicativas* que não as deixam ser aleatórias e que permitem aos sujeitos cognoscentes compreender-se mutuamente uns aos outros e ao mundo desde que inserido em situação comunicativas.

Em síntese diremos, como núcleo de nossas observações finais, que as ações de colaboração, cooperação e associação comunicativa ocorridas no universo não plasmado da Web, tem sido condicionantes de validação de muitas das ações práticas de busca da informação na Internet. Nos jogos estabelecidos nesse processo interativo ocorreriam as implicações gerais de significação da linguagem em uso sugeridas na Pragmática das *Investigações* de Wittgenstein. E frente ao que aprendemos com Habermas, há uma atitude que compartilha todas as interlocuções: o compromisso ilocucionário assumido pelos participantes da comunicação na busca de entendimento, sendo este alcançado na medida em que pretensões mínimas de validação comunicativa são cumpridas pelos interlocutores. A partir das constatações que fizemos neste trabalho, temos desenvolvido pesquisas sob diferentes perspectivas e que objetivam trabalhar com algumas situações em que a *garantia comunicativa* se manifesta e valida ações de informação na rede⁹.

A partir de nossas argumentações diríamos que, atualmente, a *Web* seria um tecido que tem como trama central, o conjunto de compromissos sociais que nela se estabelecem comunicativamente por meio do uso da linguagem. E esta trama poderia ser considerada como base *a priori* para os nós lógicos e semânticos que são estabelecidos (e criados como suporte complementar as ações de busca informacional).

⁹ Um destes trabalhos se intitula: “Proposta para identificação e aplicação de parâmetros teóricos e metodológicos na elaboração de instrumentos pragmáticos de representação e organização do conhecimento”. Trata-se de um projeto aprovado pelo CNPq em 2009 e que tem dado continuidade aos estudos iniciados na tese apresentada.

As alusões geniais de Wittgenstein sobre o jogo da significação, somadas às prudentes e condizentes articulações de validação comunicativa proposta por Habermas, convenceram-nos de que um pensar pragmático sobre a informação é possível e necessário. Assim, esperamos ter indicado, ao longo de nosso estudo, que aqui apresentamos brevemente, as circunstâncias em que o pensar pragmático *afeta* a ciência da informação em sua natureza mais autêntica (que antecederia seu arranjo institucionalizado). Somos do parecer que, embora todos os demais traços teóricos tenham de se fazer presentes na pictografia das *investigações* informacionais, a Pragmática é que seria sua tela de fundo.

**CONSIDERATIONS ON PHILOSOPHY OF LANGUAGE AND
INFORMATION SCIENCE: language games and communicative action in the
context of actions of information technology in virtual**

ABSTRACT

The informational researches, in the recently defined socio-technical and multicultural scenarios from interactive virtual platforms, were subject to the increasingly closer conditions of the quotidian use of language. Therefore, we propose an amplification of the gnosiological matrix of information science aiming to a pragmatic perspective of language philosophy, which treats the understanding of the language meaning, from its social use. In this scenario, we rethought concomitantly, the informational quest disentailed exclusively from the systemic environments and the repositioning of the subject in the information actions. We found in Wittgenstein's language games' philosophy the liberation from the structuralist and cognitivist language restrictions, and consequently, the expansion on the possibilities and unforeseeability of its meaning. In Habermas, we support ourselves in his Theory of Communicative Action, most specifically regarding the illocutionary compromise assumed by the participants of the communication and to the accomplishment of the communicative validity pretensions as minimum actions for the understanding among the interlocutors, as a way of thinking the warranties of meaning. From the analysis and conjectures on the suggested language and communication meaning building process by these two philosophers, we recognize that the interactivity, the collaboration and cooperation processes established among the acting intersubjects in the Web, by means of quotidian use of the language, would be exactly the conditions of the validation of the virtual informational actions.

Key-words: Information Science. Language Philosophy. Pragmatic. Wittgenstein. Habermas.

REFERÊNCIAS

ALVARENGA, N. A. **Linguagem e comunicação em Wittgenstein e Habermas**. Rio de Janeiro, 2003. 203 f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Filosofia, PUC.

APEL, K. O. **Transformação da filosofia I: Filosofia analítica, semiótica, hermenêutica.** São Paulo: Loyola, 2000.

_____. **Transformação da filosofia II: O a priori da comunidade de comunicação.** São Paulo: Loyola, 2000.

BLAIR, D. C. Information retrieval and the philosophy of language. **ARIST Annual Review of Information Science and Technology**, v. 37, 2003.

BLAIR, D. **Wittgenstein, Language and Information: "Back to the Rough Ground!"** Springer, 2006.

BLOOR, D. **Wittgenstein: a social theory of knowledge.** London: Macmillan Press, 1983.

CABRERA, J. **Margens das filosofias da linguagem: conflitos e aproximações entre analíticas, hermenêuticas, fenomenologias e metacríticas da linguagem.** Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2003.

COMETTI, J. Jürgen Habermas e o pragmatismo. In: ROCHLITZ, R. (coord.). **Habermas e o uso público da razão.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2005.

CONDÉ, M. L. L. **As Teias da Razão: Wittgenstein e a crise da racionalidade moderna.** Belo Horizonte: Argvmentvm Editora, 2004.

CONDÉ, M. L. L. **Wittgenstein: linguagem e mundo.** São Paulo: Annablume, 1998.

COOKE, M. **Language and reason.** Cambridge: MIT Press, 1994.

COOKE, M. Introduction. In: HABERMAS, J. **On the pragmatics of communication.** Massachusetts, MIT, 1998.

FROHMANN, B. Rules of indexing: a critique of mentalism in information retrieval theory. **Journal of documentation.** London: Aslib, 1990, v. 46, n. 2, p. 81-101.

GARGANI, A. G. *Wittgenstein*, Lisboa: Edições 70, 1973.

HABERMAS, J. **Pensamento pós-metafísico.** Trad. Flávio Siebeneichler. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1990.

HABERMAS, J. **Racionalidade e comunicação.** Lisboa: Edições 70, 2002.

HABERMAS, J. **The theory of communicative action: reason and the rationalization of society.** Trad. Thomas McCarthy, Boston: Beacon Press, 1981. v. 1. Traduzido de *Handlungsrationalität und gesellschaftliche Rationalisierung*, 1981.

HABERMAS, J. **Verdade e justificação: ensaios filosóficos.** São Paulo: Edições Loyola, 2004.

HJORLAND, B. Empirism, rationalism and positivism in library and information science. **Journal of Documentation**, London: Aslib, 2005, v. 61, n.1, p. 130-155.

HJORLAND, B. Information retrieval, text composition and semantic. **Knowledge Organization**. 1998, v. 25, n.1-2.

HJORLAND, B. *Information Seeking and Subject Representation*. An Activity-theoretical approach to Information Science. Westport & London: Greenwood Press, 1997.

HJORLAND, B. Principia Informatica. Foundational Theory of Information and Principles of Information Services. In: **Emerging Frameworks and Methods. Proceedings of the Fourth International Conference on Conceptions of Library and Information Science (CoLIS4)**. Ed. By Harry Bruce, Raya Fidel, Peter Ingwersen, and Pertti Vakkari. Greenwood Village, Colorado, USA: Libraries Unlimited. p. 109-121. 2002. Disponível em: <http://www.db.dk/bh/publ_uk.htm>. Acesso em: 21 ago 2006.

HJORLAND, B. **Theory of knowledge organization and feasibility of universal solutions**. Disponível em: <<http://dlist.sir.arizona.edu/389/>>. Acesso em: 14 out. 2005.

HJORLAND, B.; ALBRECHTSEN, H. Toward a New Horizon in information science. **Journal of the American Society for Information Science**, New York: ARIS&T, 1995, v. 46, n. 6, p. 400-425.

HJORLAND. Towards a theory of aboutness, subject, topicality, theme, domain, field, content ... and relevance. **Journal of the American Society for Information Science and Technology**, New York: ARIS&T, 2001, v. 52, n. 9, p. 774-778.

HULME, E. W. **Principles of book classification**: introduction. Library Association Record, v. 33, 1911. Disponível em: <<http://www.db.dk/ini/lifeboat/home.html>> Acesso em: 25 mar. 2006.

NEDOBITY, W. Concepts versus meaning as reflected by the works of W. Wüster and L. Wittgenstein. **International Classification**. 1989, v. 16, n. 1, p.24-26.

NOVELLINO, M. S. F. A linguagem como meio de representação ou de comunicação da informação. **Perspectivas em Ciência da informação**. Belo Horizonte: UFMG, jul./dez. 1998, v. 3, n. 2, p. 137-146.

PEARS, D. **Wittgenstein**. Barcelona: Ediciones Grijalbo, 1973. (Maestros del pensamiento contemporâneo).

RORTY, R. **A filosofia e o espelho da natureza**. Portugal: Dom Quixote, 1988.

RORTY, R. **Consequências do pragmatismo**. Lisboa: Instituto Piaget, 1999.

SPANIOL, W. *Filosofia e método no segundo Wittgenstein*: uma luta contra o enfeitamento do nosso entendimento. São Paulo: Loyola, 1989.

WITTGENSTEIN, L. **Gramática filosófica**. Parte I: a proposição e seu sentido. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

WITTGENSTEIN, L. **Gramática filosófica**. Parte II: sobre a lógica e a matemática. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

WITTGENSTEIN, L. **Investigações filosóficas**. São Paulo: Nova Cultural, 1989. (Os Pensadores).

WITTGENSTEIN, L. **Los cuadernos azul y marrón**. Madrid: Editorial Tecnos, 1968.

WITTGENSTEIN, L. **Observações sobre a rama de ouro de Frazer**. São Paulo: Editorial Tecnos, 2005.

WITTGENSTEIN, L. **Tractatus-Logico Philosophicus**. São Paulo: Edusp, 2001.